

Cinthia Serejo

AMOSTRA GRÁTIS DAS PRIMEIRAS PÁGINAS.
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

uma
NOIVA
ALEMÃ POR
CORRESPONDÊNCIA



OS FLEMMINGS



Principis

Esta é uma amostra das primeiras
páginas do livro *Uma noiva alemã por
correspondência*, de Cinthia Serejo.

**Adquira o seu exemplar para conhecer
a história completa!**



Principis

    livrosprincipis

CAPÍTULO 1

Hamburgo, julho de 1858

Eu deveria estar em prantos, mas, em vez disso, sufoquei a vontade de rir durante todo o culto fúnebre do meu pai.

Não que eu não estivesse devastada em perdê-lo de maneira tão cruel e repentina. Todavia, a enxurrada de sentimentos reprimidos, somada ao choro silencioso de algumas senhoras piedosas, atordoava-me e anesthesiava-me ao mesmo tempo, de certa forma. Ou será que isso era obra daquela dose de conhaque que Eva, nossa governanta, colocara no chá, para que eu ficasse mais calma?

Enquanto era atormentada por pensamentos que iam ora ao passado, ora ao futuro que me aguardava, as outras pessoas que, como eu, trajavam preto absoluto permaneciam imóveis e caladas. Exceto quando, vez ou outra, o som baixo de suas vozes cantando o hino proposto competia, sem sucesso, com o volume da melodia sacra entoada, com perícia, pela organista.

O cheiro das dezenas de velas distribuídas pela nave da igreja também não contribuía para o meu bem-estar, deixando-me enjoada.

Já a visão do cabelo do pastor Wieber, partido no meio e lambido em vaselina, associada ao som peculiar do imenso órgão barroco, parecia querer evocar de dentro de mim a reação mais inapropriada possível e fruto involuntário do meu desconforto: o riso.

Só descobri que não era imune à morte quando ela, implacável, saqueou, pela segunda vez, minha família. A diferença foi que, da primeira vez, não doeu tanto, já que eu guardava poucas lembranças de minha mãe, que sucumbira ao surto de cólera que assolara Hamburgo em 1832, quando eu era apenas um bebê.

Depois da morte repentina do meu pai, vi-me ciente da brevidade da vida, de que estava sozinha e de que nada seria mais da mesma forma. Não que meu modo de viver fosse motivo de inveja entre as moças de minha idade, pois o natural seria que eu já tivesse construído minha própria família, casada e com filhos.

– A mensagem do pastor foi muito linda. – A voz da Emma, minha melhor amiga, próxima ao meu ouvido, disputava atenção com a melodia de poslúdio.

Todos os olhares estavam sobre mim, e eu quase podia ouvir os pensamentos; a maioria era de pena, enquanto alguns eram de curiosidade, na tentativa de adivinhar o que seria de mim.

Era como se eu estivesse em um daqueles sonhos que nos surpreendem pelos acontecimentos sem lógica e nos deixam ansiosos por despertar. Esse era meu desejo: acordar do pesadelo em que me encontrava.

Continuei tentando me controlar. Afinal, o que diria a boa sociedade de Hamburgo ao presenciar a crise histérica da filha solteirona e desamparada do renomado professor Neumann? Claro que isso não seria bem-visto, ainda que o riso fosse fruto do desespero de quem, além da dor da perda, não via qualquer perspectiva de futuro.

– Obrigada por estar aqui comigo. – Passando a mão pelo colarinho justo do meu vestido de luto, abotoado até o pescoço, agradei a Emma com meio-sorriso, tentando me lembrar do que o pastor pregara, mas a única

coisa que ficara gravada em minha mente fora o trecho de um versículo que dizia “Deus dá um lar aos solitários”. *Seria verdade?*

– Não precisa agradecer. – Emma cobriu minha mão enluvada, que estava sobre o frio e rígido banco da igreja, com a sua.

– Não sei como aguentaria tudo isso sem você. – Descansei minha cabeça, por um instante, em seu ombro esquerdo.

Apesar de diferentes na aparência e na personalidade, éramos inseparáveis. Emma, mais baixa que eu, tinha a cabeça quase alcançando meus ombros quando eu estava de pé. Um coque alto escondia, na maior parte do tempo, seus cachos castanhos e perfeitos, como as molas de um relógio, enquanto os meus, loiros e lisos, quase não seguravam os infinitos grampos necessários para prender meu penteado.

As características físicas de Emma, que lhe garantiam aparência de boneca de porcelana, foram herança da avó espanhola que viera para Hamburgo depois de se casar com um alemão. Enquanto Emma tinha amor profundo pela leitura e por fatos históricos, eu desconhecia completamente minha paixão.

– Onde mais eu estaria senão ao seu lado em um momento como esse? – Ela colocou sobre o colo o romance de capa dura que segurava e me abraçou até que eu estivesse pronta para me levantar.

Quando o pastor finalizou com uma breve oração, eu já estava preparada para segui-lo pelo corredor central, formado por imponentes bancos trabalhados em madeira nobre. Abraçadas e de cabeça baixa, nós duas fomos guiadas pelo movimento fluido da barra preta do talar que o pastor vestia e por seus passos que ecoavam pelo largo corredor da igreja St. Michael.

Os outros, professores e amigos de longa data do meu pai, saíram da igreja um pouco depois, como em um balé ensaiado, formando, com muita ordem e silêncio, uma extensa e demorada fila de cumprimentos até nós.

A cada passo que dava rumo à magnífica porta entalhada em carvalho, eu rogava por uma direção. Ainda de braços dados com Emma e me sentindo perdida, levantei o olhar, que foi como atraído pela imagem colorida do esplendoroso vitral acima da porta de entrada, à nossa frente.

Duas grandes figuras femininas de cada lado da cena ofereciam a Deus o que tinham nas mãos. No ponto mais alto, uma pomba de asas abertas parecia voar, abençoando a cidade de Hamburgo e espalhando uma luz dourada na direção dela. Mas, principalmente, parecia fazê-lo sobre o veleiro em primeiro plano, que, com suas velas içadas, se destacava sobre as águas agitadas do rio Elba.

Olhando o desenho trabalhado com tanto esmero, desejei, no íntimo, estar naquela embarcação, a caminho do novo, para ter a chance de recomeçar.

– Minha *oma* lamentou muito não poder comparecer – Emma cochiçou ao meu ouvido, despertando-me do devaneio.

– Diga-lhe que o importante é que ela melhore – sussurrei a ela entre um cumprimento e outro. – Sua avó não parecia nada bem no último baile a que fomos.

– Ah, você conhece a *oma*! – Emma deu de ombros. – Ela disse que nada que um bom descanso não cure, mas confesso que ando preocupada com seu estado de saúde.

– Silêncio! – repreendeu o pastor Wiebel, e nos calamos por um tempo, recebendo as condolências.

As pessoas presentes faziam questão de compartilhar comigo suas memórias ao lado do meu pai, expressando quanto o haviam estimado. Cada relato trazia à tona momentos vividos ao lado dele, e eu me via emocionada, tendo, por vezes, que reprimir as lágrimas.

– Papai teria ficado feliz com a presença dos estimados alunos e ex-alunos aqui – comentei com Emma assim que falamos com as últimas pessoas.

– Apenas uma pequena parte deles – lembrou Emma –, já que a maioria está espalhada pelas grandes universidades da Europa.

Era verdade. Meu pai dedicara a vida inteira ao ensino. Decerto, foi isso que o ajudou a não sucumbir após a morte de minha mãe.

Ele, além de professor de Física e Matemática, era coordenador do departamento de pesquisas do conceituado Gymnasium de Hamburgo, uma das escolas preparatórias para rapazes antes de eles avançarem para os estudos acadêmicos em uma universidade.

Papai nunca se casou outra vez e precisou contar com a ajuda dos vizinhos, que eram meus padrinhos, para terminar a desafiadora tarefa de cuidar da única filha.

– Senhorita Neumann, preciso lhe falar em particular.

Olhei para o homem à minha frente, que parecia só ter esperado o instante em que nós duas ficamos sozinhas, após o sepultamento, para me abordar.

O jovem professor tinha inegável beleza, e os olhos azuis possibilitavam que as damas se encantassem com o ar de mistério que o conjunto de seus atributos garantiam. Eu não sabia explicar, mas algo nele me inquietava sobremaneira. Para mim, sua postura arrogante e rabugenta se sobressaía às aclamadas qualidades físicas que ele carregava.

O professor Cruz se destacava dos demais homens da cidade. Os cabelos densos e alinhados eram mais aparados que o comum, mas denunciavam sua natureza ondulada. O rosto, com a pele levemente dourada, exibia um charmoso bigode estilo inglês, modelado com cera, formando uma curva para cima nas pontas.

Apesar de seu alemão ser perfeito, era possível notar que ele não crescera em Hamburgo. Esse conjunto de características tornavam o professor Cruz um homem atraente, que chamava a atenção das mulheres da cidade.

Embora estivéssemos debaixo de uma das árvores do cemitério atrás da igreja, o calor era implacável. Usei o leque que tinha nas mãos, na tentativa de espantar a quentura, enquanto olhava ao redor buscando uma alternativa para fugir daquela abordagem.

– Lamento, professor Cruz, mas, como pode ver, este não é o momento adequado. – Emma olhou espantada para mim, porém não fez objeção. – Além disso, não seria apropriado de minha parte conversar em particular com um cavalheiro – justifiquei.

– Era minha intenção falar primeiro com seu pai. – No canto da boca dele surgiu um sorriso meio forçado, que combinava com a rigidez de sua face. – Porém, em razão dos acontecimentos repentinos, terei que tratar tudo diretamente com a senhorita.

Papai nunca se casou outra vez e precisou contar com a ajuda dos vizinhos, que eram meus padrinhos, para terminar a desafiadora tarefa de cuidar da única filha.

– Senhorita Neumann, preciso lhe falar em particular.

Olhei para o homem à minha frente, que parecia só ter esperado o instante em que nós duas ficamos sozinhas, após o sepultamento, para me abordar.

O jovem professor tinha inegável beleza, e os olhos azuis possibilitavam que as damas se encantassem com o ar de mistério que o conjunto de seus atributos garantiam. Eu não sabia explicar, mas algo nele me inquietava sobremaneira. Para mim, sua postura arrogante e rabugenta se sobressaía às aclamadas qualidades físicas que ele carregava.

O professor Cruz se destacava dos demais homens da cidade. Os cabelos densos e alinhados eram mais aparados que o comum, mas denunciavam sua natureza ondulada. O rosto, com a pele levemente dourada, exibia um charmoso bigode estilo inglês, modelado com cera, formando uma curva para cima nas pontas.

Apesar de seu alemão ser perfeito, era possível notar que ele não cresceria em Hamburgo. Esse conjunto de características tornavam o professor Cruz um homem atraente, que chamava a atenção das mulheres da cidade.

Embora estivéssemos debaixo de uma das árvores do cemitério atrás da igreja, o calor era implacável. Usei o leque que tinha nas mãos, na tentativa de espantar a quentura, enquanto olhava ao redor buscando uma alternativa para fugir daquela abordagem.

– Lamento, professor Cruz, mas, como pode ver, este não é o momento adequado. – Emma olhou espantada para mim, porém não fez objeção. – Além disso, não seria apropriado de minha parte conversar em particular com um cavalheiro – justifiquei.

– Era minha intenção falar primeiro com seu pai. – No canto da boca dele surgiu um sorriso meio forçado, que combinava com a rigidez de sua face. – Porém, em razão dos acontecimentos repentinos, terei que tratar tudo diretamente com a senhorita.

Pude ver nos olhos de Emma, mesmo por trás das lentes redondas dos óculos, o desespero por eu não estar encorajando o professor Cruz. Algo naquele homem me incomodava. Talvez fosse sua presença um tanto misteriosa que parecia encantar as pessoas.

– Sinto muito, professor. – Fingi um olhar pesaroso que estava longe de sentir. – Mas, diante dos acontecimentos recentes, não estou em condições de decidir certos assuntos. – Segurei no braço de Emma, que nos observava com curiosidade, no intuito de levá-la para longe dali.

– Insisto, senhorita Neumann! – O olhar dele permaneceu inexpressivo enquanto a mão afundava nos cabelos.

– Professor e senhora Grüber, mais uma vez, obrigada por terem comparecido. – Acenei de maneira nada elegante para o casal, antes mesmo de eles se aproximarem de nós.

– Senhorita Neumann! – A voz do professor Cruz tinha um tom que revelava sua irritação.

– Querida senhorita Neumann, receba, mais uma vez, nossos sentimentos – disse a senhora Grüber, parecendo não ter notado a impaciência do jovem professor.

– Obrigada, senhora Grüber. Posso lhes apresentar o professor Cruz? – completei, antes de ser interrompida. – Ele é o novo professor de latim do Gymnasium, e esta é a senhorita Weber. – Observei a troca de cumprimentos, aliviada por conseguir incluir o casal em nossa conversa. – O professor Grüber é um dos ex-alunos mais queridos do meu pai.

– Prazer, professor Grüber – resmungou o professor Cruz, sem desviar os olhos de mim, enquanto Emma parecia ter atraído a atenção da senhora Grüber para seu tema preferido: livros.

– Lamento não poder lhe dar um aperto de mão, como ditam os bons costumes, meu caro – justificou o professor Grüber com um sorriso, levantando a mão machucada. – Como pode ver, a vida de casado não é fácil. – Ele piscou para mim e para o professor Cruz e, baixando o tom de voz, completou: – Fui ajudar minha esposa e sofri um pequeno acidente doméstico.

Apenas por um curto momento os olhos azuis como gelo do professor Cruz conferiram o que o outro dizia antes de ele se voltar para mim.

– Eu lhe procurarei em breve, senhorita Neumann. – Sem dizer mais nada, o professor Cruz virou-nos as costas e saiu, deixando no ar o requintado perfume de cedro.

– Sinto muitíssimo – pedi desculpas pela indelicadeza dele, ainda que, no fundo, estivesse aliviada com sua saída.

Em vez disso, eu deveria estar satisfeita por seu interesse em mim. Afinal, não era todo dia que um pretendente igual a ele aparecia em minha porta. Sem contar que um marido com boa aparência e com todos os dentes era artigo de luxo para uma mulher com os dois pés na solteirice.

– Não se desculpe pela indelicadeza do jovem professor Cruz conosco, senhorita Neumann.

Agradecida, respondi com um sorriso gentil ao professor Grüber.

– O professor não aparenta ser tão jovem assim – a senhora Grüber comentou, piscando para mim. – Acredito que, como o senhor meu marido, ele já tenha passado dos trinta anos.

– Senhoritas, vocês ouviram? – Ele nos deu um sorriso divertido. – Dedico minha vida a essa mulher, e ela me chama de velho!

– Homens! – A jovem senhora revirou os olhos, tentando esconder o sorriso provocado pelo apaixonado marido.

Ri ao me dar conta de que ela tinha razão ao fazer a comparação. Eles, além da mesma altura, pareciam ter idades aproximadas.

– Ele é seu noivo? – a senhora Grüber não escondeu a curiosidade.

– Noivo? – Arregalei os olhos. – O professor Cruz? – Ao vê-la afirmar com a cabeça, neguei rapidamente. – Não!

Já imaginando aonde aquele comentário iria chegar, eu, olhando ao redor, procurei por Emma, determinada a implorar por socorro com o olhar, mas ela já se afastara de nós e estava distraída conversando com o pastor e sua esposa.

– Ele parece bastante interessado na senhorita – a senhora Grüber insistiu em um cochicho. – Ele não tira os olhos daqui.

O constrangimento tingiu minha face, e não pude disfarçar. Eu já havia percebido, em várias ocasiões, os olhares insistentes do professor Cruz, desde que o conhecera.

– Meu caro amigo Erich ficará arrasado por não ter estado aqui.

Agradei mentalmente ao professor Grüber por ter mudado de assunto.

– Por favor, diga-lhe que não fique – pedi com um sorriso triste. – Sei que seria impossível ele vir de Frankfurt tão rápido.

Era certo que Erich ficaria inconsolável pelo falecimento do padrinho e por estar tão longe. Apesar de não sermos parentes de sangue, éramos como irmãos que havia muito tempo não se viam.

Tínhamos quase a mesma idade e, graças a isso, crescemos juntos e juntos fomos educados pela avó dele, nossa querida *oma* Carlota. Ela era a mãe portuguesa de meu padrinho, a qual, com a morte de minha mãe, nos abraçara como parte da família.

Erich e eu éramos inseparáveis na infância, até que ele começou a estudar no Gymnasium, e eu fui enviada para a escola de moças da senhorita Helga, onde conheci Emma.

Com carinho, guardava a herança que recebi da família Reis: a memória dos inúmeros momentos felizes que vivi entre eles, o amor pela língua portuguesa e uma mão deslocada. Claro que a mão voltara ao lugar depois que o médico foi chamado às pressas.

Erich, diferentemente dos meninos de sua idade, interessava-se em construir e inventar coisas. A família dele, meu pai e eu reconhecíamos sua evidente genialidade. Mas isso não impediu que ele fosse constantemente atormentado pelos garotos de nossa rua, que o perseguiam, achando-o esquisito.

Foi quando o senhor Reis, renomado pugilista, começou a dar aulas de luta ao filho, que não demonstrava muito interesse. Determinada a ajudar e a motivar meu amigo, decidi treinar com ele, em segredo, no porão. Afinal, mesmo meu pai, que não era conservador, não aceitaria facilmente que uma garota se envolvesse nesse tipo de atividade.

– É verdade. A distância de Frankfurt até aqui é grande demais – observou a senhora Grüber.

– Sou grato por meus pais terem insistido tanto em nossa visita para conhecerem o neto, ou eu não poderia ter prestado as últimas homenagens ao meu estimado professor. – O professor Grüber olhou com tristeza para a nova morada do meu pai.

– Papai teria ficado feliz com tantas demonstrações de afeto.

– É pouco diante do legado que ele nos deixou – disse o professor Grüber. – Por isso, depois de pensar em como poderíamos demonstrar nossa gratidão ao seu pai, tomei a liberdade de, em nome dos caros colegas e alunos, falar com o professor Berg em seu favor. – Arregalei os olhos ao ouvir o nome do diretor do Gymnasium. – Pedi a ele que lhe concedesse mais tempo na casa, para que a senhorita possa se organizar melhor.

– Professor Grüber! – disse, emocionada. – Isso significa muito para mim, e tenho certeza de que meu pai seria eternamente grato ao senhor. Não tenho palavras para lhe agradecer.

Esta é uma amostra das primeiras páginas do livro *Uma noiva alemã por correspondência*, de Cinthia Serejo.

Adquira o seu exemplar para conhecer a história completa!

Emocione-se também com estas histórias:



E conta pra gente o que achou nas redes sociais:

    [livrosprincipis](#)

